

MÃE PRETA

Monólogo teatral para uma atriz

“Se a dor não vira espetáculo, ela vira travessia.”

DINA narra a própria história.

PERSONAGEM E ESPAÇO

DINA - mulher negra. A idade pode acompanhar a escolha da encenação; sua voz atravessa infância, juventude e maturidade.

Espaço cênico sugerido - um banco ou cadeira e uma pequena mala. O restante nasce da luz, do som e do corpo da atriz.

Tempo - presente e memória se misturam. A narração não busca reproduzir a violência, mas atravessá-la pela palavra, pela dignidade e pela reconstrução de Dina.

(Escuro.)

(Ouvimos barulho de pratos. Água correndo. Talheres. Uma avenida movimentada. Buzinas.)

(Uma luz acende lentamente sobre DINA. Ela está de costas. Faz o movimento de quem lava pratos.)

DINA

Eu aprendi uma coisa lavando prato.

Prato sujo não conta história.

Você pega ele todo lambuzado, cheio de gordura, resto de comida, marca de boca...

joga água...

sabão...

esfrega...

enxágua...

e pronto.

Ninguém sabe quem comeu nele.

Ninguém sabe se quem estava sentado naquela mesa estava feliz, triste, apaixonado... ou sozinho.

(Pausa.)

Com gente não é assim.

A gente pode tomar banho... trocar de roupa... pentear o cabelo... passar perfume... sorrir...

Mas tem coisa que colocaram na gente que água nenhuma consegue tirar.

Eu me chamo Dina.

E durante muito tempo achei que minha história começava numa pia cheia de pratos.

Mas não.

Minha história começou muito antes.

E começou do jeito que história de criança nenhuma deveria começar.

(Silêncio.)

Eu era menina.

Menina mesmo.

Daquelas que ainda acreditam que adulto sabe o que está fazendo.

Que a casa é um lugar seguro.

Que família protege.

Que quando uma criança diz: “estão me machucando”... alguém vai correr para abraçar.

Eu acreditava nisso.

Até descobrir que nem sempre é assim.

Meu próprio tio abusou de mim.

Violou meu corpo quando eu ainda nem entendia direito o que era um corpo.

E eu contei.

Contei para minha mãe.

Contei do jeito que criança conta.

Com medo.

Com vergonha.

Sem saber organizar palavra.

E sabe o que fizeram?

Não acreditaram.

(Pausa.)

Pior.

Me bateram.

Eu dizia que estavam me machucando... e apanhava porque dizia.

Então eu aprendi cedo uma coisa terrível:

às vezes a verdade de uma criança incomoda mais os adultos do que o crime de um adulto.

(DINA encara a plateia.)

Eu parei de contar.

Mas não parei de sentir.

Toda vez que aquele homem entrava numa sala... meu corpo sabia antes de mim.

O coração apertava.

A barriga doía.

A mão gelava.

Eu queria desaparecer.

Até que um dia... eu desapareci.

Fugi.

Não porque eu tivesse para onde ir.

Eu só sabia de onde precisava sair.

(Pega a pequena mala.)

Engraçado... quando a gente fala “fugir de casa”, parece que a pessoa escolheu a rua.

Eu não escolhi a rua.

Eu escolhi sobreviver.

Foi diferente.

Acabei num orfanato.

E ali comecei outra vida.

Não era minha casa.

Não era minha família.

Não tinha minha cama.

Não tinha ninguém entrando no quarto e dizendo: “Boa noite, minha filha.”

Mas ninguém me batia porque eu dizia a verdade.

E, para aquela menina... isso já parecia liberdade.

(A luz muda suavemente.)

No orfanato eu descobri uma coisa que ninguém tinha conseguido arrancar de mim.

Curiosidade.

Eu queria aprender.

Tudo.

Eu queria saber por que o céu mudava de cor.

Queria saber por que algumas pessoas tinham tanto e outras quase nada.

Queria entender as placas.

Os remédios.

Os mapas.

As palavras difíceis.

Eu pegava papel que alguém jogava fora e lia.

Quando não sabia uma palavra, perguntava.

Quando ninguém sabia responder... eu guardava a palavra até encontrar alguém que soubesse.

Eu tinha fome.

Mas não era só fome de comida.

Era fome de futuro.

(Sorri.)

Eu tinha uma gana de viver... Você não imagina.

Enquanto muita gente olhava para mim e via uma menina abandonada... eu olhava para mim e pensava:

“Eu ainda vou ser alguma coisa.”

Alguma coisa não.

Eu ainda vou ser eu.

Só que o tempo no orfanato era estranho.

Demorava.

Um ano parecia cinco.

Eu esperava fazer dezoito como quem espera um portão abrir.

E abriu.

Dezoito anos.

Uma mala.

Algumas roupas.

Pouquíssimo dinheiro.

E uma frase:

“Agora você precisa seguir sua vida.”

(Ri brevemente.)

Seguir para onde?

Ninguém entregou mapa.

Ninguém deu endereço.

Ninguém ensinou como é que uma menina que cresceu num abrigo começa uma vida.

Mas eu fui.

Porque quando você já saiu de casa sozinha quando criança... o mundo aos dezoito assusta um pouco menos.

Uma semana.

Foi o tempo que levei para encontrar trabalho.

Uma semana.
Numa avenida movimentada.
Uma lanchonete.
Pastel.
Coxinha.
Bolinho.
Óleo quente o dia inteiro.
E prato.
Muito prato.
Os donos eram japoneses.
Tinham saído do país deles também carregando um sonho numa mala.
Começaram pequenos.
Uma lanchonete.
Depois outra.
Depois outra.
Quando eu cheguei, eles já tinham construído uma rede.
Eu olhava para aqueles dois trabalhando e pensava:
“Então sonho também dá trabalho.”
E dá.
Muito.
Eu ficava atrás.
Na pia.
Lavando tudo.
Enquanto as pessoas comiam do outro lado.
Às vezes eu queria uma coisa simples.
Sentar numa daquelas mesas.
Pedir um pastel.
Um suco.
E não ter que lavar o copo depois.
(Sorri.)
Parece pouco, não é?

Para mim era luxo.
Meu salário tinha endereço antes mesmo de chegar.
Aluguel.
Comida.
Transporte.
E o curso.
Técnico de enfermagem.
Porque eu tinha decidido que queria trabalhar cuidando de gente.
Estranho, né?
Uma menina que não foi cuidada... querendo aprender a cuidar.
Talvez não seja estranho.
Talvez fosse justamente por isso.
Eu sabia o tamanho da falta que faz quando ninguém cuida.
Passei um ano naquela lanchonete.
De dia, prato.
À noite, caderno.
Óleo na roupa.
Caneta na mão.
Eu estudava anatomia sentindo cheiro de pastel.
Sistema circulatório.
Pressão arterial.
Higiene.
Primeiros socorros.
E cada prova que eu passava... era uma porta que se abria.
Até que eu terminei.
(Pausa. Orgulho contido.)
Terminei.
Eu.
A menina que ninguém acreditava.
A menina que apanhava porque dizia a verdade.
A menina do orfanato.

Tinha um diploma na mão.
Comecei trabalhando como cuidadora de idosos.
E cuidadora não entra só numa casa.
Entra numa história.
Você encontra retrato de casamento na parede.
Remédio em cima da mesa.
Roupa de alguém que morreu ainda guardada no armário.
Filho que telefona todo dia.
Filho que não telefona nunca.
Encontra medo.
Teimosia.
Solidão.
E encontra amor também.
Muito amor.
Eu dormia nas casas onde trabalhava.
Era até bom.
Economizava transporte.
Comia ali.
Dormia ali.
Só não percebia que estava fazendo novamente uma coisa que fiz a vida inteira:
morando em lugares que não eram meus.
Até que um dia me chamaram para uma entrevista.
Um casal.
Idosos.
Ele já passava dos noventa.
Ela estava perto dos oitenta.
Viviam sozinhos.
Há décadas.
Um cuidava do outro.
Até que ele sofreu uma queda.

Nada muito grave... mas suficiente para mostrar que dois corpos envelhecidos já não conseguiam proteger um ao outro de tudo.

Então resolveram contratar alguém.

Eu bati na porta.

(DINA reproduz três batidas.)

Quem abriu foi ela.

Pequeninha.

Cabelo branco.

Olho vivo.

Olhou para mim de cima a baixo.

Eu pensei: “Não gostou.”

Ela perguntou:

- Você é Dina?

Eu disse:

- Sou.

- Sabe cozinhar?

- Um pouco.

- Sabe medir pressão?

- Sei.

- Sabe dar banho?

- Sei.

- Sabe ouvir?

(Pausa.)

Aquilo me desmontou.

Porque ninguém nunca tinha colocado isso numa entrevista.

“Sabe ouvir?”

Eu respondi:

- Sei.

Ela abriu a porta.

- Então entre.

O marido estava sentado numa poltrona.

Quando me viu, perguntou:

- Você veio cuidar de mim?

Eu disse:

- Vim.

Ele olhou para a esposa e falou:

- Eu disse que não precisava.

Ela respondeu:

- Caiu sozinho no banheiro e acha que não precisa.

- Foi o tapete.

- O tapete continua aqui e você continua velho.

(DINA ri.)

Eu gostei deles naquele instante.

Comecei no dia seguinte.

Meu trabalho era cuidar dele.

Mas logo percebi que ali ninguém sabia exatamente quem cuidava de quem.

Ela fazia o café dele.

Ele lembrava o horário do remédio dela.

Ela ajeitava o travesseiro dele.

Ele perguntava se ela tinha almoçado.

Dois velhos... segurando um ao outro para que nenhum dos dois caísse primeiro.

Eu nunca tinha visto aquilo.

Passei a vida achando que amor era alguém dizendo “eu te amo”.

Descobri que amor também era:

“Tomou seu remédio?”

“Coloque o casaco.”

“Devagar nessa escada.”

“Eu vou com você.”

Um dia ela perguntou:

- Dina, sua mãe mora onde?

Eu fiquei muda.

Ela percebeu.

- Desculpe.

Eu disse:

- Não precisa pedir.

E contei.

Não tudo.

Só o suficiente.

Contei que saí cedo de casa.

Que morei num orfanato.

Que não tinha família por perto.

Ela ouviu.

Sem me interromper.

Quando terminei, ela perguntou:

- E você conseguiu estudar sozinha?

- Consegui.

- Trabalhou e estudou?

- Trabalhei.

Ela ficou alguns segundos olhando para mim.

Depois disse:

- Você deve ter muito orgulho de você.

(Longa pausa.)

Foi a primeira vez na minha vida que alguém falou aquilo.

“Você deve ter muito orgulho de você.”

Eu fui para o banheiro...

tranquei a porta...

e chorei.

Chorei baixo.

Como aprendi quando era criança.

Mas naquele dia... não era tristeza.

Era como se aquela menina lá de trás... aquela pequena Dina... finalmente tivesse ouvido:

“Eu acredito em você.”

Fiquei anos naquela casa.

Anos.

Já não éramos apenas cuidadora e pacientes.

Criamos uma rotina.

Domingo tinha bolo.

Quarta ela reclamava da novela.

Sexta ele dizia que o jornal só trazia notícia ruim.

E eu estudava.

Porque ela começou a insistir:

- Você não vai parar no técnico.

- Dona Celina, faculdade é cara.

- E daí?

- Eu trabalho.

- E daí?

- Eu não tenho tempo.

Ela olhava para mim:

- Dina... você sobreviveu a coisas muito piores do que uma sala de aula.

(Pausa.)

Voltei a estudar.

Enfermagem.

Dessa vez, faculdade.

Eu saía do trabalho... ia para aula... voltava cansada...

e ele perguntava:

- Aprendeu alguma coisa hoje?

Eu respondia:

- Aprendi.

- Então o dia valeu.

Até que um dia...

ele morreu.

(Silêncio.)

Sem barulho.

Na própria cama.

Dona Celina segurando uma mão.

Eu segurando a outra.

E naquele momento entendi uma coisa que curso nenhum ensina.

Cuidar não é impedir a morte.

Às vezes cuidar é garantir que alguém não esteja sozinho quando ela chegar.

Depois do enterro... a casa ficou enorme.

Dona Celina ficava sentada na cadeira dele.

Sem dizer nada.

Um dia me chamou.

- Dina.

- Sim.

- Estou com medo.

- De quê?

Ela olhou para mim.

- De ficar sozinha.

(DINA se aproxima simbolicamente.)

Eu segurei a mão dela.

E respondi:

- A senhora não está sozinha.

Quando falei... escutei minha própria voz.

“A senhora não está sozinha.”

E me lembrei da menina que fui.

Aquela menina precisava ter ouvido isso.

Então fechei os olhos...

e disse por dentro:

“Dina... você também não está.”

Dona Celina viveu ainda alguns anos.

Tempo suficiente para me ver formada.

No dia da minha formatura... ela estava lá.

Na primeira fila.

Pequena.

Cabelo branco.

Batendo palma mais forte que todo mundo.

Quando me entregaram o diploma... eu procurei ela na plateia.

E pensei:

“Olha onde aquela menina chegou.”

Não a menina abandonada.

Não a menina violentada.

Não a menina desacreditada.

Não a menina do orfanato.

Dina.

Enfermeira.

Mulher.

Dona de si.

Depois Dona Celina também partiu.

E eu sofri.

Muito.

Mas dessa vez eu conhecia uma coisa que quando criança eu não conhecia:

luto não é abandono.

Ela não escolheu me deixar.

Ela simplesmente terminou o tempo dela.

E deixou em mim um pedaço do amor que recebeu e outro do amor que me ensinou.

(DINA pega a mala do início.)

Durante muitos anos carreguei esta mala.

Mesmo quando ela não estava comigo.

Dentro dela estavam as coisas que fizeram comigo.

O medo.

A culpa.

A vergonha.

A raiva.

Até entender que vergonha nunca foi minha.

A culpa nunca foi minha.

Eu era uma criança.

Quem deveria ter vergonha eram os adultos que me feriram.

Quem deveria ter vergonha eram aqueles que preferiram duvidar de uma menina em vez de protegê-la.

(Abre a mala.)

Então comecei a esvaziar.

Não de uma vez.

Porque trauma não sai da gente como prato que a gente lava.

Esfrega e pronto.

Não.

Leva tempo.

Às vezes precisa de ajuda.

Às vezes a ferida fecha e volta a doer.

Mas hoje... quando dói... eu sei quem eu sou.

E foi aí que eu entendi:

se a dor vira apenas espetáculo, a gente fica parado diante dela.

Mas quando a dor não vira espetáculo... ela vira travessia.

(Pausa.)

E eu atravessei.

Não sozinha o tempo inteiro.

Não sem cair.

Não sem cicatriz.

Mas atravessei.

Sabe por que começaram a me chamar de Mãe Preta?

Não foi porque eu tive dezenas de filhos.

Nem porque mulher preta nasceu para cuidar de todo mundo.

Não nasceu.

Cuidar nunca foi obrigação escrita na minha pele.

Foi escolha.

Foi profissão.

Foi o jeito que encontrei de transformar a falta em presença.

Preta é quem eu sou.

Não é a parte triste da minha história.

Triste foi o que fizeram comigo.
Foi porque eu cuidei de muita gente.
Criança.
Velho.
Mulher.
Homem.
Gente rica.
Gente pobre.
Gente que tinha família.
Gente que só tinha a mim naquele momento.
Cada pessoa chegava inteira: com sua idade, sua cor, sua história, seu medo.
Eu nunca achei que cuidado tivesse dono.
E cada vez que eu arrumava um travesseiro... limpava uma ferida... segurava uma mão...
eu dava para alguém um pouco do cuidado que um dia faltou para mim.
Mas demorou muito para eu descobrir uma coisa:
Mãe Preta também precisa ser cuidada.
A mulher que cuida também cansa.
A mulher forte também chora.
A mulher que sobreviveu também pode pedir colo.
Eu não preciso ser forte o tempo inteiro só porque consegui sobreviver.
Sobreviver foi a primeira parte.
Agora... eu quero viver.
(Começa novamente o gesto de lavar um prato imaginário.)
Eu comecei essa história falando de prato.
Lembra?
Prato sujo não conta história.
Lava... seca... guarda... e ninguém sabe o que aconteceu antes.
Eu não quero mais ser assim.
Não quero apagar minha história para parecer limpa aos olhos de ninguém.
Eu tenho marcas.
Tenho.

Tenho passado.

Tenho.

Tenho cicatrizes.

Tenho.

Mas tenho diploma também.

Tenho profissão.

Tenho memória.

Tenho sonhos.

Tenho nome.

(Pausa.)

Meu nome é Dina.

Não sou aquilo que fizeram comigo.

Aquilo faz parte da minha história... mas não escreve o meu final.

Eu escrevo.

(Fecha a mala.)

Aquela menina fugiu de casa para não morrer.

A adolescente saiu do orfanato para descobrir o mundo.

A jovem lavou pratos para pagar os estudos.

A cuidadora aprendeu que amor também pode morar numa pergunta simples:

“Você está bem?”

E a mulher que está diante de vocês hoje... finalmente aprendeu a responder.

(Olha diretamente para a plateia.)

Estou.

Não porque esqueci.

Não porque deixou de doer.

Mas porque sobrevivi tempo suficiente para descobrir que depois da sobrevivência... existe vida.

E eu ainda tenho uma gana danada de viver.

(Sorri.)

O tempo?

O tempo agora pode passar.

Eu não tenho mais medo dele.

Porque aquela menina que achava que tinha perdido tudo... cresceu.

E continua aqui.

Inteira?

Não.

Ninguém é.

Mas viva.

Livre.

E dona da própria história.

(Pausa.)

Eu sou Dina.

Eu sou Mãe Preta.

E dessa vez...
eu acredito em mim.
(*Blackout.*)